



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A TIPOGRAFIA EM CAPAS DE DISCO DOS ANOS 70 DISPONÍVEIS NA DISCOTECA DO IAD

**SILVA, Evelyn Henrique<sup>1</sup>; ALMEIDA, Henrique Rockenbach<sup>1</sup>; BORGES, Cíntia Dias<sup>1</sup>; VARGAS, Mariana Tourinho<sup>1</sup>; HEINRICH, Fabiana Oliveira<sup>2</sup>; RAMIL, Chris de Azevedo<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup>Acadêmicos de Artes Visuais – Habilitação em Design Gráfico – IAD/UFPEL; <sup>2</sup>Professoras do Deptº de Artes Visuais – IAD/UFPEL;  
Rua Alberto Rosa, 62. Pelotas-RS. [evy.evelyn@hotmail.com](mailto:evy.evelyn@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Discoteca do IAD – Instituto de Artes e Design da UFPEL – possui um acervo de cerca de cinco mil exemplares de discos, valiosos objetos históricos para a compreensão do desenvolvimento do Design Gráfico. Tendo em vista este acervo, o presente artigo dispõe-se a analisar a tipografia de dois exemplares de capas dos anos 70, a fim de auxiliar na sua catalogação, valorização e divulgação.

As capas de discos têm muito a dizer sobre a época em que foram elaboradas. Como em todo projeto gráfico, essas têm a finalidade de transmitir uma informação. A tipografia é um dos elementos que auxiliam nessa tarefa, por isso a importância do seu estudo. Nos anos 1970, a estética psicodélica passa a ser mais utilizada, e o movimento punk faz com que o ruído – aspectos sem acabamento e imprevisíveis, manuais – seja incorporado às peças gráficas. Estes elementos visuais constituem formantes que podem ser observados nas análises apresentadas a seguir, colimando, assim, a estética e as relações visuais da época.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente artigo, primeiramente desenvolveu-se pesquisa bibliográfica e virtual acerca do tema. O recorte referente à tipografia nas capas de disco dos anos 70 decorreu da relevância do tema em questão: como supracitado, no âmbito do Design Gráfico, a tipografia é um dos formantes visuais que mais reflete valores da sociedade e do contexto contemporâneo através de seu traço e configuração.

Assim, a partir do acervo da Discoteca do IAD, partiu-se para a escolha das duas capas a serem analisadas. Ambas caracterizam-se pelo mesmo ano de lançamento e pela mesma finalidade musical: coletâneas nacionais de músicas

internacionais. Posteriormente, desenvolveu-se breve histórico das capas de disco, a fim de contextualizar o tema em questão. As análises foram feitas levando em consideração os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos inerentes a cada um dos exemplares.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A evolução do disco, através de seu formato e modelos, entre outros fatores, influenciou na composição das capas de discos. Inicialmente, as capas eram envelopes padronizados com o nome da gravadora, que serviam apenas para proteger os discos. Depois passaram a receber um tratamento gráfico para identificar a gravadora e o artista, assim o desenvolvimento de uma capa torna-se um projeto único. Então, as capas de discos deixaram de ser uma simples embalagem para se tornar um objeto com valor estético além do funcional.

A partir da década de 60, com o auge do psicodelismo no design, o desenvolvimento de projetos tipográficos para as capas de disco ganha maior destaque, também em virtude do desenvolvimento do processo de fotocomposição, que ampliava as possibilidades de novos recursos gráficos, repletos de cores vibrantes e distorcidas, surrealismo e mensagens provocativas.

Na década de 70, o psicodelismo continua se desenvolvendo, mas vai perdendo aos poucos seu colorido, transformando-se em sombrio e surreal. Com a aparição de alguns novos movimentos de âmbito social, surgiu o design punk, propondo uma nova estética, com ênfase na comunicação e contestando a elaboração e o que até então vinha sendo considerado de “bom gosto”. Tais atitudes resultaram em uma desconstrução dos aspectos gráficos, transformando também a tipografia, que adquiriu maior importância nos projetos de design. As fontes tipográficas são exploradas ainda mais, sofrendo influência de elementos geométricos, e com intuito de transmitirem mais do que sua funcionalidade, gerando assim, novos resultados gráficos.

A tipografia é de suma importância na criação de uma capa de disco, pois, junto a outros elementos da peça gráfica, possibilita a transmissão de uma determinada mensagem, geralmente identificando o artista e o estilo musical, bem como reconhecendo o período social e cultural em que estes se inserem.

Fica evidente esta relação na busca de uma síntese sinestésica visual. Villela (2003) afirma que:

“Não se pretende que alguém entenda uma capa de LP mas sim que se sinta decisivamente atraído por ela. Assim, deve a capa provocar uma reação imediata, um impulso, um apelo. Seu pior fracasso é passar despercebida: ser um envoltório comum, sem força de venda. A capa deve “soar” graficamente, numa mensagem convincente e fácil de ser gravada.”

O abandono das regras fixas e universais e a busca pela idiosincrasia, pela identidade cultural presente no âmbito gráfico foi possível graças à desconstrução pelos designers contemporâneos das fórmulas já consagradas no design moderno.

A seguir, são demonstrados os resultados obtidos na etapa de análise das capas de disco definidas neste projeto. São duas capas de disco do acervo da Discoteca do IAD – UFPel, como já citado anteriormente, pertencentes à mesma década, que abordam o mesmo tema musical, mas apresentam tendências estilísticas diferenciadas.

Na fig. 01, abaixo, se encontra a primeira capa de disco, intitulada “Ademir DISCOTHEQUE S/A – Rock n’Roll Dance”, do ano de 1974, produzida pela “Capitol Records”. Nota-se que existe apenas uma cor impressa sob o fundo que tem a cor do próprio suporte, sem tinta e de tonalidade bege. A imagem ali representada, composta pela utilização de fotografia e tipografia, ganha maior destaque, em contraste com o fundo. O tom de azul cobalto da imagem, adicionado do formato e da disposição em que se inserem os elementos gráficos, geram uma visualidade semelhante à de um carimbo. São utilizados dois tipos de tipografia, acima e abaixo da área ocupada pela imagem. A primeira, referente à palavra “Ademir”, é associada ao clássico, por ser serifada, de traço descontínuo, com espessura variável, e remetendo ao formato de letras “stencil”. É de fácil leitura, de caixa alta e acompanha o traço superior de uma circunferência, com seus caracteres dispostos num acentuado afastamento entre si. Pode-se fazer uma relação com selos e carimbos encontrados, como por exemplo, nos utensílios militares, em documentos e caixas, e também aos que eram feitos manualmente, como nas antigas formas de “letraset”.



**Título:** ADEMIR DISCOTHEQUE S/A  
**Gravadora:** Capitol Records  
**Ano:** 1974

**Fig. 1** – Disco “Rock and Roll Dance”

Já a segunda palavra, “Discotheque S/A”, apresenta uma tipografia que nos lembra a modernidade, por não apresentar serifa e seguir módulos geometrizados. Os caracteres são próximos e apresentam reduzido afastamento entre si, formando um bloco condensado de informação, dificultando uma leitura rápida. A tipografia, de traço contínuo e de espessura constante, acompanha o sentido da metade inferior da circunferência, e auxilia o fechamento da estrutura gráfica, reforçando ainda mais a idéia de um selo ou carimbo, sem necessitar da linha da circunferência como elemento indispensável para formação do círculo. Esta tipografia faz alusão ao “rock” e às características de modernidade buscadas naquele período, relacionando-se também com o estilo musical apresentado no álbum.



**Título:** FLASH BACK  
**Gravadora:** Som Livre  
**Ano:** 1974

**Fig. 2** – Disco “Flash Back”

A segunda capa intitulada “Flash Back”, como se pode ver acima na fig. 2, foi gravada pela “Som Livre”, no ano de 1974. Em contraposição à capa anterior, nesta

há uma maior incidência de colorido, com utilização de cores intensas, puras e quentes (amarelo e vermelho). Estas cores acompanham tanto a forma como a tipografia. Esta, neste caso, é bem diferenciada da utilizada na outra capa, pois provoca tridimensionalidade e a percepção de distintos planos, definidos pelos elementos gráficos ali dispostos. A organização e disposição destes itens no formato da capa, também sugerem movimento e rebatimento, devido às posições diagonais e em perspectivas, encontradas na união entre as formas e palavras. Todas estas características estão relacionadas diretamente com o sentido e significado da palavra “Flash Back”.

A palavra “flash” se une a um elemento gráfico e geométrico, que faz referência à forma visual que lembra um raio, assim como a cor amarela faz menção à iluminação e a intensidade que um flash possui. Existe uma relação entre as palavras “Flash” e “Back”, que se cruzam e são dispostas ortogonalmente entre si, formando diagonais. A tipografia e o elemento gráfico que remete a um raio formam uma imagem única, ao relacionar-se forma, função e texto, reforçados no uso contrastante de cores, dando idéia de luz e sombra. Este conjunto gráfico, ao ser submetido ao processo de repetição, forma uma espécie de malha, relacionando-se a uma estampa ou textura. O fundo, em cor magenta, ao mesmo tempo em que se contrasta com o amarelo do raio e da tipografia de “Flash”, não destaca muito o vermelho da tipografia da palavra “Back” e da forma geométrica unida a este.

Nota-se que o projeto gráfico desta capa buscava seguir tendências de representações visuais que vinham sendo comumente usadas fora do país, relacionando-se com os avanços e possibilidades gráficas que o design vinha conquistando, só que desta vez a serem destinadas ao público brasileiro. Assim também se fazia uma conexão entre a forma, cor, tipografia e o conteúdo, pois as músicas do álbum são internacionais e de um estilo de dança muito ritmado. Ambas as capas foram produzidas na mesma época, no Brasil, e seguem estilos e tendências estilísticas diferenciadas, influenciadas por fatores distintos.

#### **4. CONCLUSÃO**

Observa-se, a partir do estudo apresentado, que muito das configurações sociais e culturais da época podem ser apreendidas a partir de um estudo de capas de disco. Primeiramente desenvolvidas com o intuito de proteger um produto da indústria musical, foi com o distanciamento histórico que se percebeu a capacidade destas de prover inúmeras informações sobre questões do comportamento da sociedade da época.

Assim, com este enfoque, afirma-se o caráter do Design Gráfico enquanto campo teórico e área de atuação transdisciplinar, pois o uso de elementos de sua prática – neste caso, a tipografia em especial – acaba por determinar muito dos entendimentos de produtos de outra área de atuação, como, neste caso, a música (afinal a capa de um disco pode ser fator determinante da compra deste). Logo, tendo em vista tais aspectos, o recorte tipográfico fez-se importante por ser ele um dos fatores mais idiossincráticos do Design Gráfico e, em consequência, por ser ele o fator que mais nos indica aspectos característicos da época em questão.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica.** 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FARIAS, Priscila. **Tipografia Digital**. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2001.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design Gráfico: do invisível ao ilegível**. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

JACQUES, João Pedro. **Tipografia pós-moderna**. Rio de Janeiro: 2AB, 2002.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: uma apresentação**. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

PEREIRA, Aldemar d'Abreu. **Tipos. Desenho e utilização de letras no projeto gráfico**. Rio de Janeiro: Quartet, 2004.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento visual gráfico**. 8. ed. Brasília: Linha Gráfica Editora, 2003.p. 67-71, 91-95.